REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

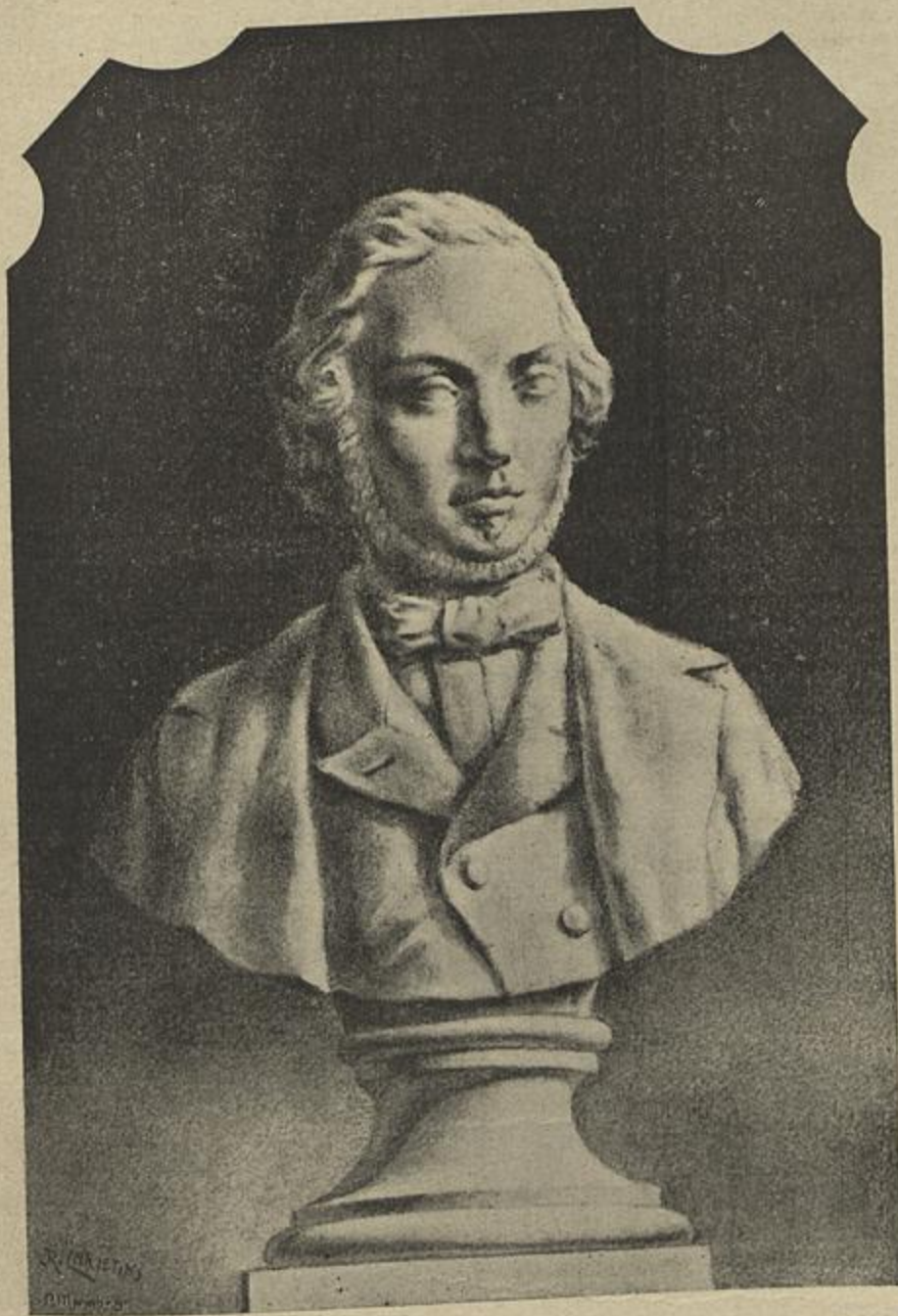
25.º Anno — XXV Volume — N.º 847

10 DE JULHO DE 1902

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

BUSTO DE ALMEIDA GARRETT NO SALÃO DO THEATRO DE D. MARIA II

ESCULPTURA DE JOÃO ANASTACIO ROSA

ALMEIDA GARRETT

Este numero do OCCIDENTE ainda hoje dedica suas paginas a Almeida Garrett. Neste proposito, e para lhe continuar a devida homenagem, publicamos o discurso, do sr Conde de Valenças, proferido na Camara Alta, e em que pediu a transferencia dos restos mortaes do insigne escriptor para o pantheon nacional.

O discurso do digno par, aqui o damos copiado de uma prova da Imprensa Nacional; e d'ahi transladamos egualmente a moção do orador, a representação da *Sociedade Almeida Garrett* e a resposta do sr. Hintze Ribeiro, presidente do conselho.

As festas significativas, ultimamente celebradas no Porto em honra de Garrett, seu mais illustre filho, e para lhe erguer na capital do Norte, monumento condigno; os jornaes, livros e publicações differentes, que proseguem escrevendo do grande e benemerito cidadão; a Sociedade Almeida Garrett, fundada em Lisboa, e dirigida por homens de superior talento e prestigio, que continua envidando seus esforços para celebrar solemnemente a apotheose do poeta; o jornal que, segundo dizem as folhas periodicas, vae publicar; o concurso que resolveu abrir, entre os artistas nacionaes, para a feitura do mausuleu do iminente poeta e parlamentar, que ficará no pantheon ao lado de Herculano; a boa vontade dos poderes publicos, pois que o illustre presidente do Conselho acaba de referendar o decreto, que determina a trasladação dos restos mortaes de Garrett para a igreja dos Jeronymos;[1] a adhesão, emfim, de todos, incluindo a generosa mocidade das escolas —tudo isto explica e dá actualidade ao assumpto, de que hoje o OCCIDENTE volta a occupar-se, e o qual, é nossa convicção, está no animo dos nossos leitores, e no de todos os portuguezes.

Eis porque publicamos, hoje, o discurso que vae lêr-se, e acompanhado de um busto do grande poeta. Mas, para não repetirmos retratos já bastante conhecidos ou vulgarisados, entendemos reproduzir a esculptura que se encontra no salão do theatro de D. Maria II, e que é ao mesmo tempo obra d'arte, devida ao talento d'um artista que melhor desempenhou as personagens dos dramas de Garrett. Referimo-nos ao notavel actor João Anastacio Roza, que, de ha muito, dorme o o somno eterno, mas que nunca será esquecido.

DISCURSO DO SR. CONDE DE VALENÇAS

Sr. Presidente,— Uso da palavra para falar de João Baptista de Almeida Garret; nesta casa do Parlamento, onde echoou tantas vezes sua eloquencia, e onde todavia não vejo o busto de sua nobre figura.

Na verdade não dirigiu elle as discussões d'esta Camara; mas, da civilização que hoje fruimos, de suas diversas manifestações, elle foi um dos primeiros e o natural presidente, porquanto, regeu e governou com a palavra, o livro, o jornal, as instituições litterarias e politicas, que engrandeceram a nação e a ensinaram a pensar:— a ser gente.

É esta, hoje, a opinião convencida de todo o paiz; que em peso, de vontade unanime, tem enviado ao Parlamento suas representações, para que seja feita justiça cabal a Almeida Garrett, cujas cinzas se guardam em mausoleo de emprestimo, e não no Pantheon Nacional!

Tenho aqui, sr. presidente, por ordem chronologica, e em memoria que por favor me deu a secretaria dos Senhores Deputados, essas representações. A tal respeito já se manifestaram as sociedades scientificas: o Instituto de Coimbra, a Academia Real das Sciencias; as folhas periodicas, differentes associações, as camaras municipaes, e até os esquecidos,— os nossos concidadãos que residem no Brazil, na Africa, na India; emfim, a maioria dos portuguezes, em voto declarado.

Sr presidente: teem as nações religião sua, governo que elegem e defendem, tradições em que se criaram e a que muito querem, poesia que lhes é encanto nos annos juvenis e lenitivo nos agros labores da vida; teem igualmente seus grandes homens; feiticeiros bons, que, se lhes comprehendem a poesia, as tradições, a historia, a

[1] Não podemos publicar hoje o Decreto do Governo, porque só virá na folha official, no dia 14.

vida rude e trabalhada, ficam eternos em sua memoria, porque esses são os seus bemfeitores, os maiores de todos, pois, ainda quando desapparecidos na morte, veem sentar-se ao lar domestico e relembrar aos moços, aos velhos, suas historias, seus feitos de armas nas guerras da independencia, — que..., talvez elles tenham sido tambem soldados!

Um d'esses feiticeiros bons, sr. presidente, um dos maiores que tivemos, o mais comprehensivo do crer e sentir de uma nação, a nossa, a quem devotou os dias da existencia e os melhores, os da mocidade, — esse se chamou, no ultimo seculo, João Baptista de Almeida Garrett. Foi de hontem e é de hoje; mais vivo do que nós todos, que somos vivos; mais nacional do que nós todos, que nos presamos de patriotas; e de tão superior intelligencia, que, nós todos, que tanto queremos aos trabalhos intellectuaes, lhe consagramos o culto da maior admiração. Elle foi grande; está na paz da morte, e ainda está vivo!

Esta a razão das representações, que vieram ao Parlamento, requerendo se dê a apotheose a este benemerito.

Porque, então, o nosso silencio, sr. presidente, quando Garrett, o divino, como o qualificava José Estevam, já é da posteridade? Abram-se as portas de ambas as casas do Parlamento, e deixemos entrar a grande sombra; a d'elle, que n'estas cadeiras se sentou com tamanha honra e passmo de nacionaes e estranhos! Deixemol-o entrar, e quando sair, que seja levado, em funeraes solemnes, á igreja dos Jeronymos.

Já lá estão — o Gama, Camões, Herculano, João de Deus; ahi devemos querer, em logar de honra, ao lado de seus irmãos em genio, o divino Garrett; — que a igreja dos Jeronymos, sr. presidente, é tambem monumento de poesia, e da maior — a poesia do mar; — e elle ahi ficará bem, que descreveu, com estro admiravel, no seu *Camões*, um povo de poetas e marinheiros. Quantos versos do immortal poema não evocam essa poesia?!

«Longe, por esse azul dos vastos mares,
Na soidão melancolica das aguas
Ouvi gemer a lamentosa Alcyone
E com ella gemeu minha saudade.
Alta a noite, escutei o carpir funebre
Do nauta que suspira por um tumulo
Na terra de seus paes; e aos longos pios
Da ave triste ajuntei meus ais mais tristes.»

E a este homem, de tão largo folego para comprehender a sua gente, o seu paiz, ha de negar-se que vá dormir na paz dos Jeronymos?

Lembremo-nos, dignos pares do Reino, que as abobadas e arcadas d'aquelle templo são feitas de cordas de navio; suas columnas, enfeitadas pelos graciosos lavores da renascença, figuram elegantes palmeiras da India. Tudo n'aquelle pantheon é grandioso. A propria musica do orgão ali parece outra. Só lá diz bem o culto catholico que eleva as almas para o céo, e o culto do talento que as civiliza na terra. E quer um, quer outro, enchem a igreja, os claustros, e a todo elle. Por isso lá estão o Gama, Camões, Herculano, João de Deus, e ahi ficará, em condigno mausoleu, o escriptor mais nacional que nós tivemos.

A nação, com o seu dinheiro, construiu aquelle monumento, que a arte nobilitou e engrandeceu; pois ahi se deve honrar o homem que, soldado, poeta, legislador e orador, tanto lhe quiz.

Elle soube inspirar se na poesia do mar; e, se não a tivesse, não seria o poeta que foi. Porque a sentiu e manifestou em estrophes eloquentes, deve estar sepulto alli nos Jeronymos, que é o monumento commemorativo das grandes navegações.

Até por ser o cantor da saudade — *espinho amargo de infelizes*. — será Garrett bem acceite nos Jeronymos de Santa Maria, que é o templo da *saudade*, — saudade de épocas maravilhosas da grandeza d'este paiz!

E pena é que tenham feito horto arborizado na frente do saudoso mosteiro! Queria vêl-o defrontando sereno o mar, escutando a faina dos mareantes, a voz de: — *arranca e larga; — desfralda o panno; — deixa correr com todo o arvoredo; — assim!*

E' que, sr. presidente, não vivemos só do pão; dil-o Jesus no Evangelho; e não se governam homens apenas com os numeros seccos da algebra, — já o dizia Garrett.

Devo eu agora fazer tômo da vida do poeta, e mostrar que foi um revolucionario do bem, que pôz mão de reforma em differentes provincias do saber humano, e na que mais directamente se propõe á governação dos povos?

II

Sr. presidente: — Almeida Garrett foi homem universal. O seu talento revelou tantas aptidões, apparece-nos de physionomias tão differentes, que, se quizermos definil-o, debuxar-lhe em pequena tela o retrato, isso o não poderemos conseguir facil nem cabalmente.

Foi um lettrado? Decerto; mas, de superioridade inconfundivel, a todos levou a barra a deante, porque fez uma revolução nas letras. Quando começou de escrever, a poesia portugueza era *preciosa;* havia estragado o gosto; não só por se occupar de odes, acrosticos, anagrammas, modinhas, lunduns chorados e glosas de motes, — delicia capitosa de belmiros, sécias, franças e peraltas, — mas porque, resuscitando tempos de imperadores, Mecenas e poetas de Augusto, era servidora do absolutismo. Ignorava-se que as nações tivessem suas epopeias, criações sentimentaes, que não apenas traduziam seus costumes, mas o desafogo, os amores, a vida das multidões; e que ahi mais podia o drama natural que a rhetorica das academias. Fazer reviver as lendas nacionaes, os romances e xácaras, estudando com paciencia a maneira de lhes restituir sua feição primitiva, tal foi o indefesso labor a que elle se deu. O *Romanceiro, Camões,* a *D. Branca,* produziram o renascimento das letras em Portugal, tiraram-nas da sujeição aos moldes pautados, deram em terra com a poesia dos arcades: fizeram uma revolução.

Por isso, aqui affirmou o sr. presidente do Conselho, que as revoluções eram legitimas. E quem o duvida? Legitima foi a revolução communal do seculo XII, que deu aos povos a liberdade civil; legitima foi a revolução do seculo XVI, que lhes deu a liberdade religiosa; legitima foi a revolução do seculo XVIII, que lhes trouxe a liberdade politica. Pelo que, hoje, qualquer homem está na posse das tres liberdades, que constituem a dignidade civica: — é um cidadão.

A de Almeida Garrett foi igualmente uma revolução legitima, porque veiu dizer-nos que havia um povo, e era o nosso, que tinha poesia propria, romances e cantigas populares, tradições suas e uma lingua formada, encantadora.

Tinha feito a nossa lingua Camões nos *Lusiadas;* tinha-a garrido e adereçado o padre Antonio Vieira; Garrett a tornou correntia, simples, adequada em sua pureza a traduzir sentimentos e paixões, e de que a arte do escriptor tem de servir-se, se quiser convencer, educar, ou inspirar a commoção; e, Senhores, essa lingua a escreveu tão clara, que através d'ella passavam as idéas. Era consoante a linguagem do povo, a que elle fala, a de que se serve, e em que exprime seus pesares, affectos e alegrias, — que o povo não faz rhetorica. Os sentimentos humanos a dispensam, que se impõem pela propria grandeza.

Foi enorme a revolução, certamente; e tal só a faz o genio. Alexandre Herculano já o havia dito: — «Os poemas de *D. Branca* e *Camões* foram o signal da revolta».

Este renascimento litterario foi egualmente uma revolução scientifica, porque, é consultando as tradições, as superstições, as crenças populares, que se pode hoje escrever a historia. Em taes costumes se encontram as provas bastantes para averiguar a origem de uma nacionalidade, sua raça, religião, os primordios de uma litteratura. Códices e documentos escritos, — o tempo os gasta e altera; muitos se perdem; mas as tradições, que passam de paes a filhos, e que estes repetem, muitas vezes sem as comprehender, — são documentos preciosos para o historiador, porque lhe revelam a origem, a psychologia, e a indole de um povo. Garrett para aqui chamou a attenção; elle proprio seguiu na rota que havia iniciado, e pelo que seus livros são portuguezes, ou nacionaes, para melhor dizer.

E este poeta, que fez o renascimento das letras patrias, fundando-se nas tradições da nossa gente, seria um politico?

Sr. presidente: Tão predominante influencia exerceu Almeida Garrett nas cousas publicas de Portugal, que se pode hoje affirmar, sem receio de erro, que elle foi o principal fundador do nosso governo representativo.

Quando na emigração, — porque elle emigrou tres vezes, por evitar perseguições do governo absoluto — apesar da extrema penuria a que se viu reduzido, foi, não obstante, o advogado, o firme mantenedor da Carta Constitucional, bandeira de D. Pedro, que era a causa da Senhora D. Maria II.

Em prol da *questão portugueza*, — como então lhe chamavam na Europa, — rediglu dois jornaes, o *Chaveco Liberal* e o *Percursor*, deffendendo a união dos emigrados e a nova fórma politica, que a Carta vinha fundar. Foi redactor convencido, intemerato, eloquente.

Seus primeiros livros — *Camões* e *D. Branca*, publicados no exilio; seus romances populares — a *Adozinda* e o *Bernal Francez*, traduzidos em differentes linguas, logo despertaram a attenção e as sympathias da Europa pela causa portuguesa, a d'este país, que, a intellectualidade brilhante de um seu vigoroso escriptor, mostrava ter os elementos de um grande povo, e os de uma nacionalidade forte.

Tendo regressado da proscripção com os sete mil, de mochila ás costas e hombreando a espingarda, já antes havia collaborado na ilha de S. Miguel, com o illustre Mousinho da Silveira, na redação dos decretos de 1832, que libertaram a terra.

D'esses documentos legaes, que estabeleceram o novo regimen de Portugal, é inteiramente do seu lavor e talento a lei da administração civil.

Quando entrou depois nos debates parlamentares, causam assombro as reformas que fez em nossas leis.

Um grosso volume não seria sufficiente para as abranger.

Começa em 1834 pela reforma de todos os estabelecimentos de educação e ensino, desde a escola de instrucção primaria até aos estudos da Universidade; continua em 1837, elaborando no congresso constituinte o novo codigo politico.

Seu primeiro e principal discurso acerca da reforma da Constituição é tão disserto compendio de direito publico, que devia ser ensinado ainda agora na Universidade. Os oradores, que ergueram a voz depois d'elle, esses declararam que nada mais tinham a accrescentar!

Em 1839 apresentou á Camara um projecto de lei acêrca da propriedade litteraria.

Discutido em 1840, votado em 1841, approvado dez annos depois por ambas as casas do Parlamento, foi um decreto da Regeneração (8 de julho de 1851) que pôs em vigor essa lei, a qual serviu de base ao convenio litterario, que Garrett celebrou com a França (junho de 1851). E, se, consoante o parecer das commissões reunidas de instrucção, commercio e artes, essa lei era *um completo systema de legislação*, tal affirmativa logo teve o assenso das principaes nações da Europa, que a acceitaram e cumpriram. Foi isto na Inglaterra, no Hanover, na Prussia e na Hespanha.

Sr. presidente: não é facil, no espaço de tempo concedido aos que falam antes da ordem do dia, descrever as reformas todas de Almeida Garrett, as quaes lhe deram, no país e no estrangeiro, os foros de eminente estadista. Só direi que redigiu o Acto Addicional á Carta, e que, á orientação da sua politica, se devem: a lei das Misericordias, o Conselho Geral Ultramarino, o estudo da questão colonial, os sub secretarios de Estado, a nova modelação dos consulados e do corpo diplomatico, o projecto de uma nova lei administrativa (3 de agosto de 1838), a Academia de Bellas Artes de Lisboa e Porto, o theatro portuguès, o Conservatorio, os seus estatutos, o manifesto das Côrtes Constituintes á Nação e o restabelecimento das relações interrompidas de Portugal com a Curia Romana (9 de junho de 1838).

Durante seus trabalhos parlamentares pertenceu ás commissões importantes, onde se elaboraram as melhores leis do país, da maioria das quaes quando não era o proponente, foi o redactor e relator.

Pode, portanto, affirmar-se que, se remodelou as letras nacionaes, foi igualmente o grande revolucionario das nossas leis.

A sua politica foi sempre, como por vezes declarou, — ordem e legalidade. Mas elle viveu em um Portugal novo, que tudo tinha a construir: o seu codigo politico, a separação do poder judicial do executivo, a separação da administração propriamente dita da administração do fisco, a liberdade da terra.

Na discussão de todos estes problemas de direito constitucional entrou destemido, consagrando lhes a penna, esclarecendo-os com a palavra.

E que palavra! Na oratoria politica era um grande actor; e se, como na tragedia grega, tem a compostura que lhe engrossa a voz, — é para que todos o oiçam.

Pelo que, a sua eloquencia tem o entono do pamphleto, combate sempre; não homens, — porque não é libello, — mas os principios que julga falsos ou as paixões que julga interessadas.

É um Demosthenes, quando troveja; e, á maneira de Tacito, corta nas baixesas.

Nunca se ouviu falar assim; e pena é que os seus discursos parlamentares não estejam compendiados em tomo, que seriam lição das gerações novas, e alto documento historico para a comprehensão de uma epoca, que acreditava n'alguma cousa, e defendia as grandes causas da justiça.

João Baptista de Almeida Garrett não orou, po-

rém, só no Parlamento; foi visto em todas as tribunas:—na do jornal, na do proscenio, na do livro.

No jornal falou constantemente[1] Ahi, em linguagem tersa, promovia a nova ordem de cousas; ahi, no seu estylo facil, gracioso, despretencioso, ia amenizando os costumes, illuminando as consciencias, promovendo a civilisação.

No theatro fallou tambem não raras vezes, e sempre pela bôca dos heroes, que viviam nas tradições do nosso povo. Assim, não é elle que é o patriota, é o alfageme de Santarem; não é elle que faz a historia, é Gil Vicente; não é elle o homem tragico, a quem o destino arroja para as sombras de um claustro, é Manoel de Sousa Coutinho; não é elle o heroe, é D. Filippa de Vilhena.

Mas é elle que os cria a todos; e esta é a sua gloria, porque é a parte do talento.

Legislador, procede de igual maneira. Poder visivel e occulto do regimen Constitucional, elle ora faz a lei, a apresenta e defende; ora a redige e a dá aos ministros da Corôa para que a façam approvar pelas suas maiorias.

Fez a reforma da instrucção, em que organiza todos os serviços; mas os que vieram depois é que se aproveitaram das bases em que a primeira, a d'elle, se fundamentava.

Fez igualmente a primeira lei de administração civil, mas quem a referendou foi o illustre Mousinho da Silveira.

A propriedade litteraria foi elle quem a garantiu na lei; mas está hoje no Codigo Civil, e ahi não vejo a sua assignatura.

Que se lhe dava d'isto, o grande Almeida Garrett? No theatro, no proscenio da politica, na tribuna do jornal, elle foi sempre o feliz dramaturgo, a quem succedeu a ventura de assistir á representação das suas peças pelos maiores actores.

Sr. Presidente: desejava proseguir; mas V. Ex.ª já se dignou lembrar-me de que tinha dado a hora de se passar aos assumptos do dia.

Assim terminarei, mandando para a mesa a representação da *Sociedade Almeida Garrett*, de que tenho a honra, ainda que sem meritos, de ser o presidente. Esta representação expõe, em breve resumo, o que outras já teem pedido ao Parlamento, isto é, que o governo decrete a transferencia dos restos mortaes de Almeida Garrett para o Pantheon, declarando igualmente, que nenhumas despesas requer do Thesouro Publico.

Acompanho-a da minha moção.

E agora, reconhecendo o favor da Camara, por me ter escutado attenta, eu direi afinal que, Almeida Garrett, alto protagonista nos dramas da idéa, que são igualmente os dramas da politica,—merece a nossa consagração. Os grandes corpos legislativos, que, por acudir ás miserias humanas, tantas vezes tecem e desmancham a sua teia de Penelope, isto é, que, por lhes acudir, fazem as leis e as desfazem — teem certamente suas horas solemnes, em que, por esquecer a dôr e o soffrimento, enchem de consolo o seu espirito, erguendo olhos para o ideal. Ora, o eminente tribuno, o homem extraordinario, de que falei, em todos os actos publicos da sua vida foi o ideal, porque, Senhores, — elle era a poesia.

Vozes: — Muito bem.

A MOÇÃO.

A Camara convida o Governo a decretar que os restos mortaes do insigne Visconde de Almeida Garrett sejam trasladados para o Pantheon dos Jeronymos, e que o dia em que se realizar aquelle acto solemne seja considerado de festa nacional.

Camara dos Dignos Pares do Reino, 2 de maio de 1902. — *Conde de Valenças.*

REPRESENTAÇÃO DA SOCIEDADE ALMEIDA GARRETT

Dignos Pares do Reino. — A *Sociedade Litteraria Almeida Garrett*, fundada em Lisboa, para honrar a memoria de João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, vem hoje, por este meio, respeitosamente, impetrar dos representantes da Nação, *que seja determinada a trasladação dos restos mortaes de tão glorioso português para o templo dos Jeronymos, em Belem.*

Ninguem contesta, Senhores, a justiça de tal pedido; porquanto, o país inteiro, em successivas representações á outra casa do Parlamento, d'este modo se tem manifestado, reclamando que esta honra insigne seja concedida ao notavel poeta do *Camões*, da *D. Branca*, da *Adozinda*, do *Frei Luiz de Sousa*, que tão alta influencia exerceram e ainda exercem nas letras portuguesas, que elle, o illustre Garrett, ennobreceu e honrou.

Almeida Garrett, Senhores, não foi unicamente o auctor insigne de immorredouras obras litterarias e artisticas; seu alto espirito reformador manifestou-se igualmente no renascimento da Nação Portuguesa, e de maneira unica e inconfundivel. Elle foi o collaborador prestimoso de Mousinho, nas leis da Terceira; redigiu as reformas administrativas do seu tempo; reorganizou, com superior intelligencia, os serviços da instrucção publica; foi o maior orador das duas Camaras; fundou o theatro nacional, criando actores, edificio, seus regulamentos, o Conservatorio e as peças dramaticas; colleccionou uma das melhores leis eleitoraes que inda tivemos; redigiu o Acto Addicional ao nosso Codigo politico, o qual defendeu com as armas, com a penna, com a palavra; fez a lei das misericordias; a da propriedade litteraria, que a Inglaterra, a Prussia e o Hanover depois copiaram; e é sua a idéa do Pantheon Nacional, que Passos Manuel perfilhou, quando o teve por collaborador em 1836.

Exilado por tres vezes, soldado da liberdade, juiz, embaixador, Deputado, Par, Ministro da Coroa, chronista-mór do reino, director do conservatorio, — o grande Almeida Garrett ainda teve sobras de tempo para criar em todos os ramos da litteratura portuguesa a obra mais intellectual que nunca até hoje fôra realizada!

Alexandre Herculano, insuspeito para todos nós, chamou a Garrett o maior português do seculo XIX. Herculano já lá está no Pantheon, ao passo que Almeida Garrett continua a jazer numa sepultura de emprestimo, esquecido, quasi abandonado, elle, que tão grande foi, e que tantos e tão gloriosos serviços prestou á sua patria!

Não desconhece a *Sociedade Litteraria Almeida Garrett* as especiaes circumstancias em que se encontra o país, circumstancias ponderosas para todos os que são verdadeiros patriotas; *e não pretende, por isso, que as despesas da trasladação*, que reclama em nome do reconhecimento nacional, *sejam feitas pelo Estado*, como seria de justiça, se melhores tempos corressem para a causa publica. Muito ao contrario, esta Sociedade *pretende apenas que a trasladação seja votada*, para honra do Parlamento português, *e convertida em lei*, a que a mesma Sociedade procurará dar execução, empregando para isso todos os meios ao seu alcance, *sem sobrecarrregar as finanças publicas*, e recorrendo apenas á iniciativa particular.

Assim o assegura e a tal se compromette, esperando que a trasladação seja decretada para dar começo aos trabalhos indispensaveis para a sua conversão em justiceira realidade, secundando por esta forma os votos de todo o país, expressos em dezenas de representações, que ao Parlamento teem sido enviadas nesta e noutras sessões legislativas.

Nestes termos, a *Sociedade Litteraria Almeida Garrett* espera que as Côrtes da Nação, vendo removida a principal difficuldade, que se tem opposto a esta tão grande manifestação de posthuma justiça, não hesitem em decretar a trasladação requerida, honrando assim quem, em ambas as Camaras, tantos dias de gloria forneceu aos seus annaes. — E. R. M.cê

Lisboa e secretaria da *Sociedade Litteraria Almeida Garrett*, 1 de maio de 1902 = O Conselho Director: Presidente, *Conde de Valenças*=Vice-Presidente, *Francisco Simões Margiochi*=1.º Secretario, *Alberto Bessa*=Thesoureiro, *Sebastião da Silva Leal*=Vogal, *Gabriel Pereira.*

A RESPOSTA DO SR. PRESIDENTE DO CONSELHO

A ideia da trasladação dos restos mortaes de Almeida Garrett para os Jeronymos está de ha muito no animo do governo a que tenho a subida honra de presidir. Posso assegurar ao digno par que esse grande acto de justiça para com a memoria do visconde de Almeida Garret, ha de ser levado a effeito, e sobretudo agora dados os termos em que se acha redigida a representação da Sociedade Litteraria Almeida Garrett, a que s. ex.ª tão dignamente preside.

*

Na sessão seguinte, devia a proposta do sr. conde de Valenças ter segunda leitura na meza da camara, mas o sr. conselheiro Luiz de Bivar, presidente, disse que, depois das palavras proferidas na sessão anterior pelo sr. presidente do conselho de ministros, podia ser dispensada essa leitura, visto que o governo promettera decretar a trasladação. A camara assim resolveu.

[1] No *Portuguez*, no *Chronista*, no *Chaveco Liberal* e no *Precursor*, jornaes que elle proprio havia criado, e n'outros.

CHRONICA OCCIDENTAL

E nós em julho, e o tempo a fazer caretas.

As velhas benziam-se. Nunca depois do S. Pedro tinham visto uma carga d'agua! Em plena Lisboa houve centenares de innundações e no Porto uma saraivada deu trabalho para mais d'um mez a todas as fabricas de vidraça no paiz.

De todos os pontos da provincia vieram descripções tetricas dos estragos causados pelo granizo e pelas faiscas electricas, que algumas mortes produziram.

São grandes os prejuizos que soffreram os lavradores em suas eiras, vinhas e arvores de fructo.

Não era coisa para achar imitadores, mas a trovoada do céo, raios e coriscos, saraivada, acharam rivaes no jornalismo de Lisboa.

Queixam-se os fazendeiros com toda a razão, queixa-se o publico. Os curiosos assistem impassiveis de nariz na janella por entre os vidros, ou d'olhar malicioso no jornal, para ver onde aquillo vae parar. Mas os que com isso teem a perder só desejam um bocadinho de azul no céo, mais um nadinha de paz na imprensa. Subam os barometos annunciando melhor tempo por toda a parte é o que sinceramente desejamos, á moda do Barão de Catania, salvo erro no nome, que sempre começava: Haja paz e concordia entre os portuguezes!

Pois assumptos interessantes não teem faltado ultimamente, e, quando os jornalistas d'elles á cata os vemos sempre, é de espantar como agora se mostram d'elles despresadores.

As melhoras do rei de Inglaterra, progressivas sempre, não deram o que muitos esperavam, fiados na opinião de certos medicos. Uns boletins ora desanimadores, ora cheios de esperança, seriam maravilhosos para espraiar considerações, vir com novas entrevistas, tornar a trazer para o jornal a sciencia dos professores e a bruxaria das videntes.

Nada por emquanto se sabe ao certo sobre a epoca da coroação. Diz-se que Eduardo VII deseja que a cerimonia se realise dentro do anno de 1902 em que foi assignada a paz com as republicas sul-africanas. Fala-se na semana que começa em 11 de agosto.

Parte do programma continua a ser cumprido, como fôra determinado antes da doença do rei; a outra não perderá por certo com a demora.

De volta de Inglaterra, n'um d'esses dias de temporal com que fomos mimoseados, e por isso umas horas mais tarde do que era esperada, entrou a barra a divisão naval portugueza, composta dos cruzadores *D. Amelia* e *D. Carlos*, vindo a bordo d'este ultimo o principe real de Portugal, D. Luiz, de regresso de Inglaterra, onde fôra para representar nas festas da coroação a familia real portugueza.

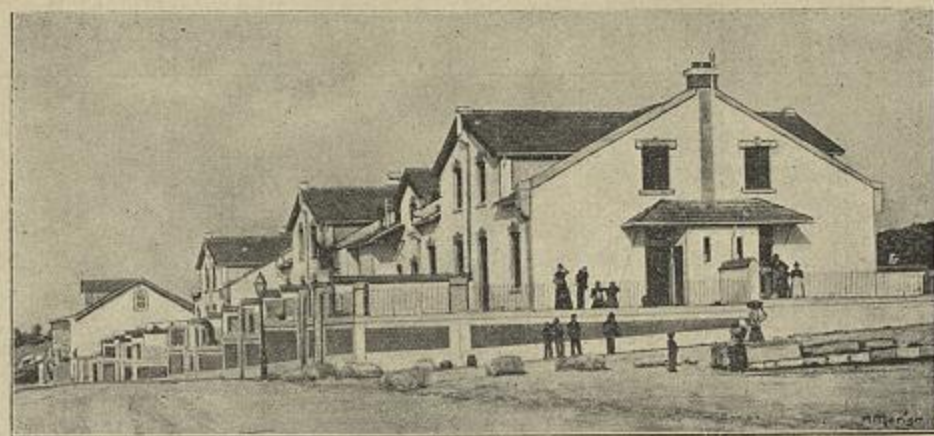
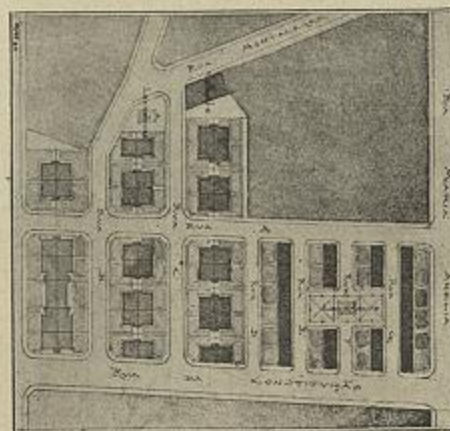
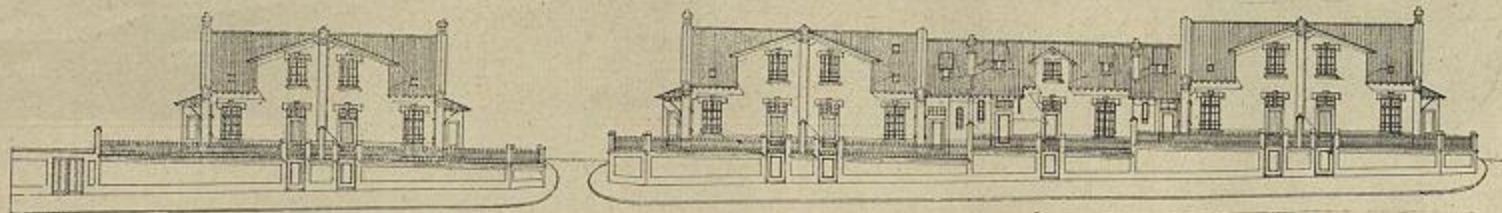
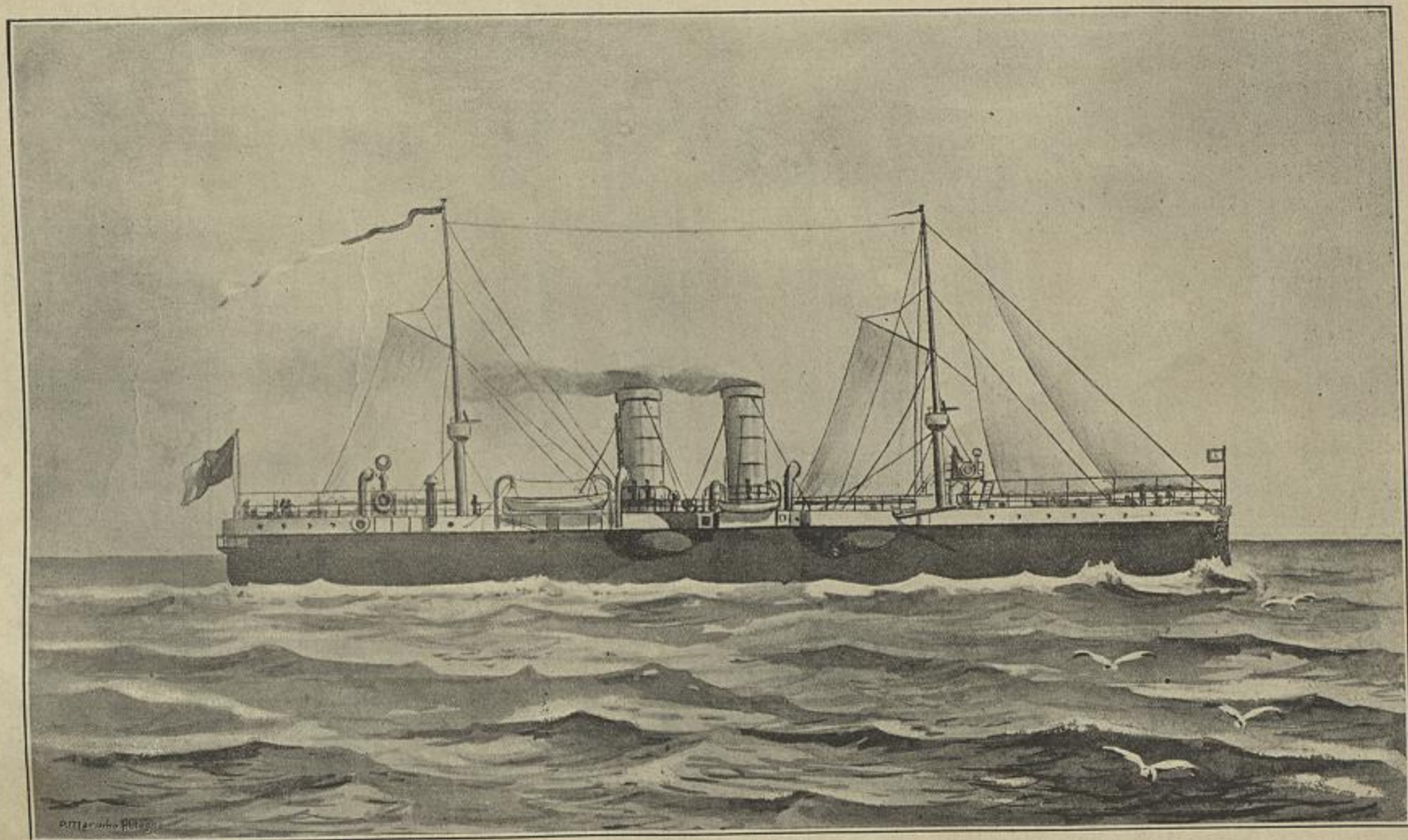
Não saiamos por emquanto d'esse paiz para darmos mais alguma noticia do nosso.

Do que em Inglaterra podemos commercialmente vir a ser um dia, occupou-se uma d'estas noites, em conferencia na Associação Commercial, o nosso querido amigo, Jayme Batalha Reis, consul geral de Portugal em Londres.

JAYME BATALHA REIS

Apresentado pelo sr. Simões d'Almeida, foi Batalha Reis recebido com uma prolongada salva de palmas. Todos sabiam o alto valor de quem ali se

O NOVO BAIRRO PARA OPERARIOS NO MONTE PEDRAL, PROMOVIDO PELO «COMMERCIO DO PORTO»

BENTO CARQUEJA—Proprietario e Director do «Commercio do Porto»

VISTA PERSPECTIVA DO NOVO BAIRRO PARA OPERARIOS NO MONTE PEDRAL

PLANTA GERAL

ALÇADO

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — Couraçado «Vasco da Gama» — como fica depois das modificações feitas em Livorno

apresentava, profundo conhecimento que tem do assumpto que ia tratar, e quanto ao seu trabalho intelligente já deve o nosso paiz.

O illustre consul descreveu o que era o mercado em Londres, disse como deviamos procurar fornecel-o dos nossos vinhos, dos nossos fructos, das nossas flores, quaes os passos que para tal conseguir se deviam dar: o annuncio, o reclamo, e como depois honradamente era preciso manter o credito adquirido.

A este ultimo respeito fez Batalha Reis variadas considerações, falou dos capitaes inglezes que para o nosso paiz tentou atrahir e da desconfiança d'aquelles a quem se dirigiu.

Em triste conceito somos tidos lá fóra.

Dizem os estrangeiros que as leis e governo de Portugal levantam embaraços a quantas emprezas aqui se estabelecem, sendo preciso a peso de oiro comprar a benevolencia dos altos funccionarios do estado; que é preciso admittir nas direcções grandes personagens politicas, onerando assim os orçamentos; que, cedendo á influencia de interessados, se criam centros productores previlegiados que vão lesar os já estabelecidos.

Toda a assembléa applaudiu Jayme Batalha Reis pelo muito conhecimento que revelou nos differentes assumptos tratados e pelo desassombro com que fallou.

Funccionario dos mais illustres que nos paizes estrangeiros honram o nome de Portugal, é com o maior jubilo que registamos o seu triumpho.

Tinha auctoridade para fallar e bom era que assim, nos differentes ramos de governação de que depende o nosso futuro, todos com a mesma sciencia e coragem manifestassem sua opinião.

Sabemos que muita vez a verdade é bastante dura de dizer e que a muitos interessa contradictal-a; mas um dia a franqueza ha de ter consequencias mais maravilhosas que quantas mentiras possam embrulhar-se em conveniencias diplomaticas.

Certamente do que disse Batalha Reis em sua conferencia grande utilidade poderá resultar para o paiz, cujo estado financeiro, segundo muitas e boas opiniões, não é de nuvens tão temerosas como a pessimistas agrada ver no horizonte.

Vai-se, se não ainda como era devido, pelo menos com interesse crescente, pensando em desenvolver o nosso commercio, procurando sobre tudo tirar das nossas colonias motivos para fortificar nossa independencia.

Differentes expedições para pontos differentes sujeitos ao dominio portuguez, agora embarcaram, dando motivo mais uma vez ás sympathicas manifestações que sempre merecem os nossos soldados tão cheios de nova gloria nos ultimos combates.

Já depois que d'aqui sahiram, más novas nos chegaram do gentio nas possessões occidentaes, o qual por lá fez novas tropelias contra alguns negociantes estabelecidos no interior.

Pouco a pouco, porém, irão entrando na comprehensão de seu dever para poderem manter a propria tranquillidade.

O que precisamos é formar desde já os homens que, mais tarde, hão de cumprir a gloriosa missão de elevar o nome portuguez á sua antiga altura, digno de hombrear com o das maiores nações.

Aos que vamos entrando no caminho da velhice por isso nos commove qualquer manifestação de intelligencia e força, de progresso e de actividade, que possamos applaudir nos que hoje são pequenos e, ámanhã, quando formos decrepitos, serão os homens de acção.

Este mesmo pensamento a todos decerto occorreu quando, na grande sala *Portugal* da Sociedade de Geographia, applaudiam os exercicios gymnasticos e de esgrima ali executados com a maior precisão pelos trezentos alumnos da Escola Academica, um dos mais conceituados estabelecimentos de educação do nosso paiz.

São elles os homens do futuro, é n'elles e seus companheiros que havemos de depositar a nossa confiança.

Portugal começa novamente a ser falado, a mostrar que não era morta a sua alma, mas apenas esmorecida. Muitos jornaes dos mais conceituados na Europa, não contaminados pela calumnia, do nosso paiz se teem ultimamente occupado e do esforço que faz para seu resurgimento.

Da calumnia temos nós muita vez a culpa, mas do que é má lingua nossa já não vale a pena falar, que somos incorrigiveis.

De quando em quando, visita-nos uma esquadra. Com mais frequencia agora.

Uma esquadra franceza esteve ultimamente ancorada nas aguas do Tejo, tendo sido recebida com as formalidades e festejos do costume.

Outras visitas tivemos, tambem de grandes personagens: um Conde francez, actualmente n'um calaboiço do Governo Civil, e um Principe russo, que se raspou com um album de sellos.

Tambem isto indica civilisação. Os homens da corrente de papagaio impingida por oiro a um desgraçado alemtejano de fresco desembarcado no Terreiro do Paço, começaram a envergonhar-se de sua modestia, dos seus velhos processos. O grande intrujão de titulos pomposos e cadastro europeu fez cá na terra a sua apparição. O francez não se deu lá muito bem, mas o russo, maravilhosamente.

Para completa gloria da cidade, chegou a dizer-se que a familia Humbert a tinha honrado com a sua passagem.

Não ha que ver, estamos no galarim.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

O NOVO BAIRRO PARA OPERARIOS NO MONTE PEDRAL, CONSTRUIDO POR INICIATIVA DO «COMMERCIO DO PORTO»

Está ainda bem vivo na memoria o terrivel flagello da Peste Bobonica que, em 1899, visitou a cidade do Porto.

Foi este um *mal que veio para bem* como diz o povo, porque, embora fizesse grande numero de victimas, numero que teria sido muito maior se não fôra as providencias tomadas e intelligentemente dirigidas pelo Dr. Ricardo Jorge, foi como que um aviso preventivo de desgraça maior, que fez acordar muita incuria e muito desprezo pelos preceitos mais elementares da hygiene e do aceio, o que largamente foi então commentado e descutido por toda a imprensa do paiz.

Dessa discussão sahiu felizmente a luz, o que, diga-se de passagem, nem sempre acontece, n'estas pugnas da imprensa a que estamos assistindo, e sahiu luz vivificante, clara e praticamente util, com que lucrou a cidade do Porto, e muito especialmente, a classe pobre, como a que mais sofria no desconforto e imundice de suas habitações.

Sahiu luz e muita luz e quem mais alumiou foi, sem duvida, o nosso collega *O Commercio do Porto*, iniciando, com um bom abolo, uma subscripção para se construir um bairro de casas para operarios.

A iniciativa deu o resultado que era de prever, conhecendo-se o centro donde ella partiu, a competencia do chefe d'esse centro, Bento Carqueja proprietario e redactor d'*O Commercio do Porto*.

Seguramente o nome de Bento Carqueja era garantia do bom exito da empresa, e a empresa foi para deante, pratica e intelligentemente dirigida, de modo que hoje já se póde vêr, no Monte Pedral, no Porto, um grupo de quatorse casas para familias de operarios que ali podem viver hygienica, aceada e economicamente.

Se por tantos outros motivos Bento Carqueja não merecesse o respeito e homenagens publicas, como homem de sciencia professor de uma das primeiras escolas do paiz, a Academia Polytechnica; como jornalista devotado á causa publica, onde se encontra sempre na brecha conhecedor das questões, tratando-as á boa luz do seu espirito, como bom senso e melhor conselho, o que por ahi vae rareando; se não fossem tantos outros titulos, repetimos, a parte que elle tomou no beneficio que estão gosando tantas familias, na cidade do Porto, era objecto de sobra para a veneração e applauso publicos.

O plano da construcção foi elaborado pelo architecto portuense José Marques da Silva, auctor dos projectos da estação de S. Bento, no Porto, do edificio da Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães e outros, que todos confirmam a competencia do architecto.

Como dissemos, do plano geral do bairro, só está construido um grupo de quatorse casas, que a nossa gravura, copia de uma photographia, representa.

Estas casas, que já tem moradores, alinham n'uma correnteza, separadas da rua por jardins com sua grade e todos os quartos tem ar e luz directas.

As paredes estão construidas com pedra tirada do proprio local da construcção. A despeza feita elevou-se a 13:945$160, incluidas terraplanagens, canalisações de agua e de esgotos, seguro etc.

A planta geral indica os agrupamentos das casas, a sua desposição e numero, tendo todas serventia para a rua conforme o exigiu a camara municipal que não premettiu o bairro fechado, o que em verdade é vantajoso, mas obrigou a mais despeza na construcção.

Gostosamente registramos este melhoramento do Porto, como iniciação sanitaria d'aquella formosa cidade, que muito desejamos vêr continuada, para beneficio da sanidade publica e bem estar de seus habitantes.

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

COURAÇADO *VASCO DA GAMA*

No proposito em que o governo está de continuar a reconstituição da marinha de guerra portugueza, que, diga-se em verdade, havia chegado á maior penuria, mandou fazer grandes modificações no couraçado *Vasco da Gama*, no sentido de alongar o navio e augmentar-lhe a velocidade, artilhamento moderno, etc., em harmonia com o plano que lhes foi apresentado por uma commissão, para esse fim nomeada, e de que faz parte o capitão de mar e guerra conselheiro sr. Ferreira de Almeida.

A reconstrucção do couraçado, foi dada por concurso á casa Orlando de Livorno, a mesma que construiu o *Adamastor*, e, segundo o plano definitivo, essa reconstrucção, que transforma quasi completamente o navio, consta do seguinte:

Alongamento a meio navio, passando de 6m,10 a que se obrigou, para 7m,925, — o que dá um grande desafogo para a installação das machinas e caldeiras — alongamento do casco á prôa de 2m,20, no intuito de afinar as linhas de agua, de modo que, com a mesma força, e portanto com o mesmo consumo de carvão, o andamento do navio será maior.

As condições nauticas a vante não eram regulares; o navio tinha uma grande tendencia para afocinhar, e perderá esse defeito, ou pelo menos ficará muito attenuado com o alongamento que vae ter.

O castello é prolongado para ré, até á linha da couraça transversal do antigo reducto, o que dará, em cima, uma coberta egual á que existia antigamente na linha do pavimento do antigo reducto, e a antiga coberta, livre dos embonos, do cabrestante e das cosinhas, ficará uma segunda coberta desafogadissima.

O castello, em pavimento corrido até á bateria de grosso calibre, fica em spardeack, com uma peça de 76/40 m/m á prôa, e em plano superior, a primeira ponte de navegação, com duas metralhadoras de 25 m/m.

No antigo plano do convés fica a installação da grossa artilharia de 201/40 Armstong.

De vante a ré corre um passadiço, que liga a parte de vante com uma segunda ponte transversal, na linha dos portalós, correspondendo ao intervallo entre as duas chaminés, e servindo para montar duas peças de 47/40 m/m que estavam primitivamente destinhadas á tolda, e assim so bem de plataforma 2m,0.

Continúa o passadiço para ré, a passar sobre uns vaus de installações de tres das maiores embarcações, ligando com o tombadilho alongado para vante, mas aberto aos lados.

Todos estes alongamentos e novas installações são feitos pela casa Orlando, sem augmento de encargos para o estado, e valorisados n'uma sua proposta em 3:650 libras que toma de sua conta pelos abaixamentos de preços que ultimamente lhe foram feitos pela casa Armstrong.

Tendo o contracto sido tomado no todo, sem indicação de preço especial de machinas, casco e artilharia, todas as differenças, para mais ou para menos, constituiam as contingencias de contractos d'esta ordem; a casa Orlando porém, no empenho de ser agradavel ao governo e á marinha nacional, dando-lhe um navio mais perfeito, e bem assim cedendo ás solicitações do delegado do governo portuguez em Livorno, o conselheiro sr. Ferreira de Almeida, como ella fez exarar no texto do contracto addicional, faz todas estas obras sem encargo algum para o thesouro portuguez.

Propoz a casa Orlando, e o governo acceitou, que se a marcha do navio subisse a 15,5 nós nas mesmas condições do contracto, o governo lhe daria um premio de mil libras.

Para os que desconhecem a materia, e lhes possa parecer o caso estranho, bastará examinar o

valor das penalidades consignadas no contracto, e que são de sete mil libras sterlinas de multa, se faltar meia milha á velocidade estipulada!

Em consequencia do augmento de tonelagem do navio, que de 2:422 passa além de 3:100, julgou se conveniente dotal-o com ferros novos e amarras, com o minimo de 44 m/m, estas com 300 metros de comprimento, e os ferros de engulir nos escovens, typo moderno; as antigas amarras, que tinham elos já de 39 m/m, ficam propriedade nacional e podem servir para amarrações no Tejo, para navios de mil tonelladas, em mu to boas condições.

Suppondo que venham a pagar-se as mil libras de melhoria de velocidade, com 620 libras de novas amarras e ferros, e com 380 provaveis para serviço de mesa, cosinha, camarotes, etc., não incluidas, como é costume nos contractos, o navio custará 114:000 libras; ficará sendo um cruzador couraçado de 3:100 toneladas de 15,5 nós de marcha, com 5:500 milhas de raio de acção a 10 milhas por hora; armado com 2 peças de 201/,0 de alcance medio de 10:000 metros, montadas em reparo, com escudos de aço Harvey de 115 m/m; 2 peças de 76/40 com escudos.

4 peças de 47/40, 2 metralhadoras de 26 m/m e 4 de 6,5 m/m — 7 embarcações, 2 projectores, 250 lampadas electricas e para uma guarnição que poderá oscillar entre 200 a 220 praças contra 242 que tinha antigamente, e completamente preparado para qualquer viagem de caracter diplomatico, pela disposição e numero dos seus alojamentos, 12 camarotes podendo accommodar 16 pessoas graduadas; o pessoal do estado menor tem o seu salão, como os officiaes de ré, com 5^{m},60 de comprimento por 3^{m} de largura, primeiro, e por agora o unico dos navios nacionaes com tal disposição, tudo devido á incançavel diligencia do chefe da missão, considerado já entre o pessoal da casa Orlando como um verdadeiro engenheiro constructor, tal é a notoriedade com que resolve e indica quanto de melhor se pode fazer no navio.

Mantem-se a antiga configuração «da roda de prô». Todos os alongamentos e afinamentos das linhas de agua derivam das experiencias feitas em Spezzia, e a despeza de mil libras a mais estará paga, pela differença da marcha a mais com o mesmo consumo, ou o menor consumo com a marcha anteriormente calculada.

O navio deverá estar entregue em fim de junho de 1903, em consequencia do tempo destinado á fabricação da artilharia, treze mezes, e um mez para installações e provas a bordo.

O couraçado *Vasco da Gama* que, pelo mau estado de suas caldeiras e falta de paioes para carvão, que service para uma viagem regular, estava condemnado a não sair do Tejo, onde aliáz a sua estada pouco valia, considerado como deleza, por ter a artilharia antiquada, fica transformado em um navio moderno, que póde ser empregado em qualquer commissão de serviço.

Só resta saber se economicamente é vantajosa esta reconstrucção que custa 114:000 libras ou 627:000$000 réis.

Quando este navio foi adquirido pelo governo portuguez a que presidia Fontes Pereira de Mello, em 1876, custou 600:000$000 réis.

METEOROLOGIA POPULAR

PARTE II

1893

Janeiro. Começou o anno com um regimen de bom tempo mas frio, o qual foi de curta duração, visto que, de 6 a 12, as chuvas foram abundantes (em 7 31^{m},7). A partir de 12, recomeçou o frio e bom tempo, notando-se em 16, uma maxima de 9°,4. O bom tempo persistiu o resto do mez com temperaturas irregulares.

Fevereiro. Tempo explendido até 13, e chuvas copiosas, o resto do mez (em 15 15^{mm},1, 19 14^{mm},8, 20 11^{mm},8, 23 10^{mm},6 e 24 12^{mm},5). Maxima temperatura: 16°,7 (normal).

Março. Foram frequentes as trovoadas com chuvas notaveis e temperaturas proximas do normal.

Abril. Até 7, persistiu o mesmo regimen de março, sendo n'esse dia, a chuva de 40^{mm},0. Minima thermometrica 9°,7, superior á normal.

Maio. Trovoadas acompanhadas de fortes chuvas, em quasi todo o mez. Temperatura normal, mas com um minimo elevado (12,1).

Junho. Bastante quente e regularmente chuvoso. Minima thermometrica muito elevada (14°,2, em 4).

Julho. Temperada a primeira quinzena, e torrida a segunda, com maximas quasi sempre superiores a 30°. Dois dias de chuva (0^{mm},4).

Agosto. Continuou o calor quasi que insistentemente, em Agosto. Um unico dia de chuva (0^{mm},2).

Setembro. Quente até 4, tempo nublado de 4 a 7, com alguma chuva, bom tempo em geral, até 13, trovoadas e pouca chuva até 25, e temperatura moderada com a atmosphera desanuveada o restante do mez.

Outubro. Um dos mais quentes do periodo 1880 1900. Em 16, a maxima attingiu 29°,3, em 17 28°,2, em 18 28°,1, em 19 30°,1 e em 20 26°,9. Em todo o mez, notaram-se sómente sete dias de chuva (33^{mm},5).

Novembro. Tempestuozo até 19 (em 3 14^{mm},5, em 6 12^{mm},7, em 10 18^{mm},5, em 11 10^{mm},6, em 13 14^{mm},5 e em 15 13^{mm},6. Bastante frio a partir de 20, com temperaturas abaixo do normal e um minimo de 5°.

Dezembro. As chuvas, em Dezembro, notaram-se de 1 a 3, de 9 a 14, e de 20 a 22. Total da agua recolhida 48^{mm},8. Algum frio em 28 e 29.

1894

Janeiro. Frigidissimos os primeiros dias do anno com maximas fracas: em 1 11°,1, em 2 9°,6, em 3 7°,0, em 4 6°,3, em 5 8°,7 e em 6 9°,0. A partir de 5 e até 31, accentuaram se as chuvas com pequenos interregnos. Temperatura normal a partir de 6.

Fevereiro. Foi em geral de bom tempo, apenas perturbado por ligeiras chuvas, em 14 e 15, e 22 e 23. Temperatura agradavel.

Março. Persistiu o bom tempo, excepto a partir de 24 (Em 25 23^{mm},3 de chuva, em 26 17^{mm},0 e em 28 11^{mm},0).

Abril. Muito chuvoso. Eis os dias de maiores aguaceiros: em 4 35^{mm},2, em 6 32^{mm},3 com trovoada, em 15 20^{mm},1. Durante todo o mez, a temperatura não foi além de 18°, a mais fraca maxima que, em Lisboa, se tem presenceado no mez de Abril, sendo esta temperatura observada em 21, e 29 e 30 d'este mez.

Maio Em opposição ao mez antecedente, foi de calores um pouco anormaes, sobretudo em 12 e 13, com uma maxima de 29°,4, n'este ultimo dia.

Junho. Pouco calor e pouca chuva (4^{mm},9 em quatro dias: 1, 2, 4 e 26, sendo n'este ultimo dia, acompanhada por trovoada).

Julho. Calor pouco sensivel em todo o mez. Dois dias de chuva, em 13 e 22 com 2^{mm},0.

Agosto. Alguns dias de calor forte. Em 22, sentiu-se uma trovoada que produziu 0^{mm},7 de chuva.

Setembro. Persistiu a normalidade, com referencia á temperatura, sendo as chuvas pouco frequentes (5 dias chuvosos com 10^{mm},6)

Outubro. Chuvas fortes de 6 a 11 e de 16 a 28, com algumas trovoadas, (em 7 33^{mm},2, 16 16^{mm},8, 17 18^{mm},0, 22 12^{mm},6, 24 16^{mm},3 e 25 38^{mm},9). Minima thermometrica 10°,9 (acima do normal). Os maximos foram sempre superiores a 18°.

Novembro. Poucos dias de chuva, embora com grandes aguaceiros. Em 2, registaram-se 26^{mm},2, em 14 16^{mm},7, em 17 26^{mm},8 em 18 10^{mm},0 e 29 15^{mm},8.

Dezembro. Pequenas chuvas total 42^{mm},4 divididas em quatorze dias. Temperaturas normaes. Um unico dia de frio sensivel, em 13 (max. 9°,8).

1895

Janeiro. Em todo o mez, succederam-se os temporaes com trovoadas fortissimas, improprias do mez. A altura pluviometrica attingiu 227^{mm},2, facto anormal no nosso clima. Em 12, a chuva foi de 23^{mm},9, em 13 de 28^{mm},0, em 14 25^{mm},4, em 16 17^{mm},3, em 18 67^{mm},7, em 19 11^{mm},4 e em 20 10^{mm},3. Em 13, ribombou o trovão com uma intensidade rarissima entre nós, chegando mesmo a amedrontar muita gente do povo. Em compensação, os frios foram quasi que desapercebidos. Apenas, em quatro dias (5, 8, 26 e 31), os maximos foram fracos (9°,6, 9°,9, 8°,6 e 8°,2).

Fevereiro. Prolongou-se a invernia por todo o mez com um unico dia de frio rigoroso, em 1 (min. 0°,9). Chuvas torrenciaes em 1 11^{mm},6, 2 10^{mm},7, 9 13^{mm},5, 10 28^{mm},1, 11 19^{mm},0, 15 13^{mm},5, 19 15^{mm},8, 20 24^{mm},5, 22 13^{mm},2 e 25 23^{mm},4. A altura pluviometrica total foi de 232^{mm},4, verdadeiramente excepcional.

Março. O mesmo regimen continuou em Março, com temperaturas abaixo das normaes. Em 9 e 10, o nivel barometrico baixou a um ponto tal, nunca attingido desde a fundação do observatorio D. Luiz. Em 9 o barometro accusava ás nove horas da manhã 746^{mm}, descendo a 735^{mm},8, ás tres horas da tarde, e no dia 10, marcando o barometro, ás nove horas da manhã, 745^{mm},8, sómente indicou 730^{mm},8, ás quatro horas da tarde. Chuvas violentas succederam a esta baixa (em 6 19^{mm},4, em 8 17^{mm},2 e em 10 21^{mm},0).

Abril. Um pouco menos chuvoso que os precedentes, mas de pouco calor. Um periodo chuvoso consideravel de 12 a 20, com trovoada em 15 (17^{mm},3 de agua).

Maio. Em geral, secco, mas de calores sensiveis, sobretudo de 2 a 17. Maximas: 26°,5, 28°,8, 26°,6, 28°,4 e 27°,2.

Junho. Egualmente secco, como o precedente, e calores suffocantes de 20 a 27. Registou-se trovoada em 9, com pouca chuva (0^{mm},7).

Julho. Persistiu a normalidade em quasi todo o mez. Um dia de chuva consideravel em 27 (5^{mm},8 em relação á epoca.

Agosto. Calor bastante moderado em todo o mez. Não se registaram chuvas.

Setembro. N'este mez, tornaram-se demasiadas as chuvas que alagaram todos os campos produzindo em varios sitios, inundações, com prejuizo dos lavradores. As trovoadas tambem grassaram com intensidade. Em 5, o pluviometro accusou 30^{mm},2, em 6 40^{mm},5, em 7 44^{mm},5 e em 8 54^{mm},6. Foi o Setembro mais chuvoso, desde a fundação do observatorio D. Luiz. (Em todo o mez 202^{mm},0).

Outubro. Tempo normal e de chuvas fracas, durante a primeira quinzena, chuvoso e frio, o restante. Em 21, a chuva foi de 45^{mm},1, em 22 34^{mm},8 e em 25 57^{mm},9.

Novembro. Em todo o mez não cessou o mau tempo. Temperatura acima do normal. Eis os dias de grandes chuvas: em 1 14^{mm},1, em 3 13^{mm},2 em 19 20^{mm},6, em 25 23^{mm},6 e 26 31^{mm},5.

Dezembro. Normal em relação a temperatura e regularmente chuvoso. A minima thermometrica foi de 7°,5, uma das mais altas observadas n'este mez.

(Continúa).

Antonio A. O. Machado.

METEOROLOGIA

Julho de 1902

Observações diarias

Dias	Barometro	Temperaturas extremas	Céu	Vento	Chuva
	mm	° °			mm
1	764,4	19,6–16,1	Nublado	SW	0,0
2	763,5	21,9–15,7	»	ENE	1,5
3	762,5	23,1–15,6	»	NNW	11,2
4	762,8	23,0–17,1	»	NE	22,2
5	763,8	22,3–16,9	»	SE	13,1
6	764,9	20,7–16,9	»	S	0,3
7	764,4	23,2–16,2	»	NE	0,0
8	765,7	27,0–16,8	Alg. Nuvens	NNW	0,0
9	764,6	24,6–18,0	Nublado	SE	0,0
10	763,0	22,3–17,6	Encoberto	NW	0,0

CHRONICA METEOROLOGICA

Em todo o reino, foram sentidas fortes trovoadas de 1 até 4 de julho, acompanhadas de chuvas torrenciaes em alguns dos postos e principalmente em Coimbra, onde se registaram em 1 43^{mm},6 de chuva. A maxima thermometrica de 19°,6, notada no dia 1 de julho, em Lisboa, é uma das menores observadas n'este mez. O vento conservou se sempre variavel, e a atmosphera mais ou menos abafadiça, havendo um unico dia, em 8, no qual a nebulosidade foi fraca. N'este dia, e no dia seguinte foi sensivel a alta thermometrica em todo o reino. Em Regoa, o thermometro attingiu, em 8, 37°, em Campo Maior 36°, em Evora 33°, e em Lagos 31°.

Tempo encoberto, e novamente trovoada, acompanhada de abaixamento sensivel de temperatura no dia 10 de Julho.

DR. LOURENÇO DA FONSECA
FALLECIDO EM 6 DO CORRENTE

NECROLOGIA

LOURENÇO DA FONSECA

Medico, poeta, publicista, tal era Lourenço da Fonseca, de quem temos que fazer breve necrologio, não porque ao fallecido faltassem actos dignos de se mencionarem, mas porque nos falta espaço para os promenorisar e nos alongarmos em apreciações.

Houve um tempo em que o nome de Lourenço da Fonseca se tornou popular no paiz e conhecido no extrangeiro.

No paiz todos o conheceram pelas extraordinarias curas que fez de enfermidades d'olhos; no extrangeiro, pelos livros que publicou na lingua patria e em francez, sobre as ditas enfermidades.

Medico oculista de primeira ordem tratou de milhares de enfermos de doenças d'olhos, por que, não fazendo monopolio da sua sciencia, tanto tratava o rico como o pobre, e este ainda mais do que aquelle.

Comprehendia perfeitamente o sacerdocio a que se dedicara e como não o havia de comprehender; elle que tinha um coração bondoso, uma alma generosa; elle que ao mesmo tempo que manejava os delicados instrumentos cirurgicos operando maravilhosamente, tangia a lyra do poeta e soltava vôs de sua phantesia de romancista.

Ahi deixou as provas nos seus livros: *Goivos da Aldeia, Lendas do Universo, No Douro e Tejo, Na Rede, Martyrio de uma mulher honesta, Um printemps;* e na sciencia: *Le foud de l'œil d'ans quelques maladies moins frequentes de la retine du nerf optique et de la choroïde, Conservação da vista nas escolas, Atrophia do nervo optico, Formolario da clinica oculista* e *Archivo ophtalmotherapico de Lisboa.*

Lourenço da Fonseca, nasceu no Rio Grande do Sul, em 20 de junho de 1848, filho do sr. commendador Francisco Lourenço da Fonseca, portuguez que residio muitos annos no Brazil e que ha muitos mais vive em Lisboa, onde é bem conhecido por sua dedicação pelas coisas d'arte, e onde por varias vezes tomou logar da veriação do municipio.

Veio, Lourenço da Fonseca, uma creança para esta capital onde fez o seu curso e onde, querendo dedicar-se á especialidade do tratamento de doenças d'olhos, praticou largamente com o medico oculista Van-der-Laan.

Estabeleceu depois um consultorio n'um primeiro andar da praça de Luiz de Camões, e ali, por muitos annos, tratou, como dissémos, milhares de doentes, realisando curas extraordinarias que deram honra e fama ao seu nome.

Ha poucos annos resolveu levar o auxilio da sua sciencia ao Brazil e para lá foi estabelecer-se.

A saude, e, por ventura as saudades de Portugal, onde ficavam muitos dos seus, não o deixaram persistir muito em terras de Santa Cruz, e regressou a Lisboa, onde veio acabar seus dias, ainda no vigor da idade, com profundo sentimento de todos que o conheciam e estimavam como amigo e medico de alto merecimento.